





A Conferência das UN sobre o Clima (COP 23) – Uma perspectiva da ONG RSCM

A COP 23 foi a primeira Conferência sobre o Clima desde que o Presidente Trump anunciou a sua intenção de retirar os EUA do Acordo de Paris. A Conferência realizou-se na Alemanha, de 6 a 17 de Novembro, em Bona, com Fiji que mantém a Presidência, e 35.000 participantes dos Estados Membros e da Sociedade Civil. Graças ao apoio da Maryknoll Global Concerns (que está acreditada no processo das UN sobre o Clima) consegui inscrever-me para a segunda semana como observadora, em que participei em pleno na “Zona de Ação sobre o Clima em Bona”. Foram 5 dias informativos, iluminadores e desafiantes. Participei em 28 sessões diferentes e tive oportunidades maravilhosas de contacto com pessoas e grupos da natureza religiosa, profissionais e outros de todo o mundo que trabalham pela justiça climática.



No nosso último **Capítulo Geral**, comprometemo-nos como RSCM a “agir responsabilmente de modo a assegurar o respeito pela Terra e a sua sustentabilidade” (CG 2013, p.3). “Desenvolvimento Sustentável para Todos” é um dos temas chave que tratamos nas UN através da nossa colaboração, serviço em rede e defesa. A participação na COP23 deu-nos muitas oportunidades para escutar as vozes que têm sido silenciadas – a voz da própria terra, e de muitas mulheres que estão na linha de fronteira das ameaças das alterações climáticas e que, muitas vezes, servem como “primeiras colunas” na tentativa de resposta às crises humanitárias relacionadas com essas alterações.

Nesta edição especial do Boletim das UN, procuramos realçar uma selecção das muitas sessões valiosas em que estivemos e de informações recolhidas..  Convidamos todas a [explorar mais](#)  Veronica Brand RSHM

Através de uma lente de Género ...

O dia 14 de Novembro foi o **Dia do Género**. Participei em várias sessões com painéis de mulheres líderes de iniciativas em todo o mundo; de Xai Xai, em Moçambique às Cataratas de Vitória, no Zimbabué; da Região da Amazônia do Equador às “primeiras nações” do Canadá; do povo Maiori da Nova Zelândia aos pastores nómadas do norte do Quénia. Foi um foco muito forte na **identificação e abordagem dos principais desafios que as mulheres enfrentam** em relação às alterações climáticas. São demasiado numerosos para os listar, mas incluem aspectos como:



- As mulheres são, muitas vezes, consideradas como “vítimas” e não como agentes de resiliência ao clima.

Alguns factos alarmantes:

- Apenas **1/3 dos compromissos nacionalmente decididos** (dos Estados-Membros) a contribuir para o corte das emissões de carbono têm em atenção o género.
- **As mulheres gastam menos carbono do que os homens.** Os hábitos de consumo delas têm um impacto menor no clima.
- **1,2 Bilhões de pessoas a nível mundial não têm acesso à electricidade.** A maior parte são mulheres de zonas rurais.
- **Há 14 vezes mais probabilidades das mulheres e crianças morrerem de desastres naturais do que os homens**

- As atuais políticas de mitigação e adaptação ao clima são cegas quanto ao género.
- As mulheres estão sub-representadas nas decisões políticas no que diz respeito às questões climáticas; têm pouco acesso o inanciamento para o clima.
- O impacto forte e positivo das políticas pelas quais as mulheres são responsáveis na resiliência climática não lhes é reconhecida.
- A igualdade de género deve ser central para o conceito de uma “transição justa”.


Houve muito bons exemplos de iniciativas em todo o mundo realçando o papel importante que a mulher desempenha a todos os níveis da sociedade em relação ao clima. Há avós que aprendem engenharia solar na Índia e na Tanzânia; a “Mala Solar” (inventada por uma ginecologista) fornece iluminação às zonas rurais sem electricidade. As soluções energéticas fora de rede estão a ser desenvolvidas por mulheres

Uma das decisões importantes da COP23 foi o endosso formal de um Plano de Ação de Género.

 [Leia mais](#)

Ainda Estamos Dentro



“Ainda estamos dentro” foi a alternativa delegação Americana, representando uma coligação de cidades, estados, empresas, universidades e grupos de crentes presentes na Conferencia do Clima, e a maior secção da economia americana mas comprometida com a ação climática. Com mais de 2.500 assinaturas para a “America’s Pledge”, os líderes representavam 130 milhões de americanos – mais de metade da população americana – e \$6,2 trilhões da produção económica. Reafirmaram a sua promessa de manter os compromissos dos Estados Unidos na redução das emissões, apesar da traição do Governo. Se toda esta gente formasse um país, a sua economia seria a terceira maior do mundo, maior do que todas com excepção de duas outras partes que assinaram o Acordo de Paris. A rede “**Ainda estamos Dentro**” acolheu 44 eventos no seu pavilhão e participou ativamente nos painéis e eventos durante a Conferência do Clima.  [Veja o video...](#)

A Proposta da Floresta Viva

Enquanto o mundo ocidental se foca na natureza como uma fonte de matérias primas destinadas para o uso humano, **Kawsak Sacha (a Floresta Viva)** reconhece que a floresta é composta de seres humanos com relações entre si. É uma proposta para viver juntos com o mundo natural que cresce para além do conhecimento milenar dos Povos Indígenas que habitam a floresta da Amazônia. O sistema econômico é visto como uma rede ecológica; o mundo natural como um mundo social. Ao apresentar a proposta, **Patrícia Gualinga, do povo Sarayaku, no Equador**, chamou a atenção que isto é um apelo ao reconhecimento das áreas protegidas, declarando-as como zonas que permanecem livres da extração de óleo, minério e de madeiras. Através do envolvimento da nossa **ONG RSCM no grupo de trabalho da ONG sobre Minas**, procuramos defender os direitos dos povos locais e impedir que as indústrias extrativas violem os direitos humanos.  [Leia mais...](#)



Atribuir a responsabilidade: Financiar a mudança

A Humanidade caminha em direção a uma subida de 4°C nos finais do século, com terríveis consequências para os povos e o planeta. Precisamos de trilhar um caminho que nos leve a atingir apenas 1,5 °C.



Para atingir este fim, precisamos de uma dura – e dispendiosa – mudança do caminho em que estamos. Quem terá de pagar estas mudanças necessárias para abrandar os efeitos negativos?

Na **primeira Conferência do Rio sobre o Desenvolvimento Sustentável, em 1992**, reconheceu-se que os países têm “responsabilidades comuns mas diferenciadas” na maneira de tratar os aspetos humanos das mudanças climáticas. Num painel de cientistas do ambiente e advogados foram exploradas algumas das questões chave relacionadas com o abrandamento e compensação do clima. O

diretor da política e ciência e principal cientista sobre o clima da **Union of Concerned Scientists (Dr. Peter Frumhoff)**, explicou que se pode utilizar um modelo de clima simples e bem estabelecido para quantificar a medida da subida do mar e o aumento das temperaturas na superfície global,

que as maiores companhias de combustível fóssil já tem produzido nas emissões de carbono. Esta quantia está agora “encerrada” para sempre. Demonstrou que, como cientistas, podem prever o papel que as alterações climáticas têm desempenhado; os tribunais e “o tribunal da opinião pública” têm de julgar se estas companhias estão a pagar o que é justo para compensar os estragos e as adaptações necessárias.

 [Leia mais](#)


Aplicar os Princípios da Laudate Si!




Tuvalu é uma pequena nação do Pacífico formada por 9 ilhas, cuja existência é ameaçada pelas alterações climáticas.

As negociações sobre o clima tem a ver com “evitar o não gerenciável (adaptação) e gerenciar o inevitável (mitigação)”.

Falando num Evento Lateral, patrocinado por organizações como a CIDSE, Caritas, CAFOD e Trocçaire, sobre **Uma Resposta transformadora às Mudanças Climáticas: aplicar os Princípios da Laudate Si**, o Primeiro Ministro de Tuvalu sublinhou que é urgente agir, dizendo: “*Tuvalu está apenas a 4m acima do nível do mar. Se nada fizermos para diminuir até 1,5 graus na subida da temperatura, as ilhas ficarão submersas. Pediu às nações para seguirem o apelo feito na Encíclica do Papa Francisco. “Se os vossos filhos estão ameaçados a viver debaixo da água, o que fareis?... Temos de tomar decisões aqui; baixar as emissões; manter o carvão e os combustíveis fósseis em baixa. Podemos salvar Tuvalu, salvar as pequenas ilhas e salvar o mundo.”*

 [Ler mais](#) e aceder a recursos de ajuda

Momentum para a Mudança

Num evento realizado a 15 de Novembro, a UNFCCC “**Momentum para a Mudança**”, Soluções para o Clima apresentaram prémios para 19 projetos inspiradores em todo o mundo, que mostrassem ser iniciativas inovadoras e práticas, apresentadas por grupos locais, para combater as Alterações Climáticas e com aumento de potencial. Estas “**Atividades de Farol**” são parte de esforços mais alargados para mobilizar a ação e aumentar a ambição gerada para implementar o Acordo de Paris e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. As atividades premiadas incluem 5 categorias: **1. Mulheres para os resultados**, **2. Financiamento para o Investimento no Clima**, **3. Soluções ICT**, **4. Saúde a nível Planetário**, e **5. Clima Neutral Já**.  [Leia mais...](#)



 Veja o [video](#)

Justiça Climática



Mary Robinson, ex-Presidente da Irlanda, que lidera uma **Fundação com o seu nome**, e que trabalha para promover a justiça climática, foi uma oradora poderosa em várias sessões. O seu comentário é revelador

“*O ponto fulcral da COP para mim, foi a clareza, urgência e humanidade que os povos nativos e indígenas trouxeram à COP. O valor da sua participação em Talanoas, nos eventos laterais e nos painéis de alto nível asseguraram que as vozes das comunidades das periferias fossem ouvidas pelos negociantes, Ministros e Chefes de Estado e de Governo*”.

 [Aprende mais...](#)

Siga-nos no Twitter

[@RSHMNGO](#)  [Facebook](#) 



Distribuição:

Conselho Geral; Provinciais e Regionais; Animadoras JPIC; Rede Internacional de Escolas RSCM; Grupo de Interessadas no Boletim Tradução portuguesa por Maria Luisa Pinho, RSCM.